

Pré-fância de um texto ensaio

Bianca Santos Chisté

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CHISTÉ, BS. Pré-fância de um texto ensaio. In: *Infância, imagens e vertigens* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 11-13. ISBN 978-85-7983-708-1. Available from: doi: [10.7476/9788579837081](https://doi.org/10.7476/9788579837081). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/zdx9x/epub/chiste-9788579837081.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PRÉ-FÂNCIA DE UM TEXTO ENSAIO

*Depois que iniciei minha ascensão para a infância,
Foi que vi como o adulto é sensato!*

[...]

*Como não ascender ainda mais até na ausência
da voz?*

[...]

Por que não ascender de volta para o tartamudo.

(Manoel de Barros, Ascensão)

Começo esta breve apresentação do texto de Bianca Santos Chisté com um fragmento do poema de Manoel de Barros, talvez e possivelmente pelas inúmeras aberturas que ele nos oferece poderíamos ficar apenas nele! Ascender à infância! Eis a afirmação que por si só já seria um convite a leitura de um texto que desloca olhares, cria vias e desvias nos percursos, caminhos, um texto que nos diz que conceitos, ideias não são meramente ideológicos, mas, como diz Deleuze sobre Godard (Conversações, 2010 p.55), uma ideia é uma prática, ou ainda, continuando com Deleuze sobre Godard

Godard tem uma bela fórmula: não uma imagem justa, justo uma imagem. Os filósofos também deveriam dizê-lo,

e conseguir fazer: não ideias justas, mas “justo ideias”. Porque ideias justas são sempre ideias conformes a significação dominantes ou a palavras de ordem estabelecidas, são sempre ideias que verificam algo, mesmo se esse algo está por vir, mesmo se é o porvir da revolução. Enquanto que “justo ideias” é próprio do devir-presente, é a gagueira nas ideias; isso só pode se exprimir na forma de questões, que de preferência fazem calar as respostas. Ou mostrar algo simples que quebra todas as demonstrações.

O convite de Bianca para fazer um convite ao leitor passa necessariamente aí: criar um desenho que possa apresentar um texto que se coloca como um devir-presente, povoado de ideias gaguejantes, perguntas que soam e se fazem mais presentes que respostas, um texto que circula e faz circular afetos, pensamentos, infâncias.

Um prefácio deve, por protocolo, estar no começo de um texto, deve apresentar um texto; um prefácio, em certo sentido, inaugura um texto! Porém, como inaugurar algo que é a própria inauguração, o próprio começo? O que vem antes do começo? O que pode estar antes daquilo que como começo inaugura?

O texto de Bianca Chisté é povoado de inícios, de começos e mesmo naquilo que podemos pensar como conclusivo nele apenas inaugura!

Talvez por isso o texto incomoda, vai incomodando (talvez como a infância de Lyotard!). Talvez por isso, na primeira leitura, seduz e depois nos permite ver lacunas, brechas, espaços! Porque o texto não se apresenta como algo que sossega, que acalma ou como algo que procura seduzir! O texto, diferentemente do que pensamos ou muitas vezes proclamamos por aí, não nos diz que a infância é um território seguro e puro de uma saudade, mas a infância “é aquela que se aborda através de seu meio, que se abre aos diversos dados dos sentidos e das coisas. À linguagem das coisas” (Schérer, *Infantis*, p.207).

O presente texto nos apresenta e nos faz este convite. Por isso, caro leitor, se você espera encontrar soluções, ideias prontas, discurso adulto, adultizado, talvez a leitura não seja a mais adequada; aqui certamente encontrará uma escrita que se apresenta como imagem, como uma imagem da infância. Vale ressaltar neste aspecto que o texto é também uma composição, uma composição (talvez como as de nossa infância) entre imagens e escritas, é um texto escrito por imagens, é um texto-imagens de nossas escritas. O texto de Bianca é produto das próprias ideias atravessando palavras e imagens e sendo atravessada por elas.

Sendo assim, um texto de educação, de educação infantil, de educação matemática na educação infantil poderia “inaugurar os formatos desformando-os incessantemente poderia acontecer em uma educação vagamundo, em uma educação dançarina? Uma educação transeunte, deslizando de movimentos rápidos, leves, uma educação que se experimenta e se deixa experimentar, que está sempre criando, inventando, se modificando. Uma educação que invoca aumentar a potência de agir, fazer a vida vibrar e se inventar, acionar a diferença, a invenção, movimentar encontros e composições...” (Chisté, *Devir criança da matemática: experiências educativas infantis imagéticas*).

Fica aqui o convite, fica aqui as reticências....

Boa leitura.

César Donizetti Pereira Leite
Departamento de Educação da
Unesp, *campus* de Rio Claro